

TBR, Marcelo Nino, GLO, Casa Chacra, SER, Jovana Paparelli

MARCELO NINIO

Instagram: @marceloninio
 marceloninio@globo.com.br



Lições de Messi sobre a China

Em poucos meses, a imagem de Lionel Messi na China foi do céu ao inferno. Tudo porque o craque argentino não saiu do banco de reservas do amistoso que seu time, o Inter Miami, disputou na semana passada em Hong Kong. Obviamente, Messi era a principal atração do jogo, e sua ausência por uma suposta lesão causou desgosto nos quase 40 mil torcedores que

pagaram ingresso e não o viram tocar na bola. A frustração do público provavelmente seria parecida em qualquer lugar do mundo, mas pela sensibilidade política de Hong Kong, o caso ganhou dimensões de verdadeira afronta à honra nacional. Em editorial irado, o tabloide Global Times, ligado ao Partido Comunista da China, afirmou que "o impacto do incidente ultrapassa em muito o âmbito esportivo". Em seguida, o jornal especula que a ausência de Messi na partida teve motivação política, articulada por forças externas "para constranger Hong Kong". Desde os protestos pró-democracia na antiga colônia britânica, em 2019, Hong Kong tem sido um dos principais pontos de atrito político entre a China e o Ocidente. Artistas de segurança aprovados por Pequim endureceram a repressão a movimentos dissidentes e praticamente liquidaram a oposição no território semiautônomo. A contravenção com Messi e Inter Miami é mais um exemplo das dificuldades de empresas e governos mundo afora em garantir presença no lucrativo mercado de consumo chinês sem dobrar-se aos interesses políticos do PC.

O preço de contrariar o consenso de Pequim

pode ser alto. Em outubro de 2019, no auge dos protestos em Hong Kong, um cartola do time de basquete americano Houston Rockets publicou no Twitter uma mensagem de apoio aos manifestantes. A mensagem foi apagada no mesmo dia e o dirigente logo emitiu um pedido de desculpas. Mas já era tarde demais. Em resposta, a TV estatal chinesa parou de transmitir os jogos da NBA, causando sérias perdas financeiras à liga de basquete americana, que tem na China seu maior mercado internacional. Foram necessários bilhões em investimentos sociais e um longo exercício de relações públicas para que finalmente a NBA fosse readmitida à lista dos indesejáveis e os jogos voltassem a ser transmitidos no país em agosto, após quase 18 meses de boicote. Em 2021, ao convite do governo chinês, este colunista presenciou a inauguração de uma quadra de basquete doada pela NBA numa aldeia remota

da província de Yunnan, no sul. Agões como essas se repetiram em todo o país. Não é para menos: o basquete americano é uma febre na China, com cerca de 500 milhões de consumidores de produtos da NBA, segundo estimativas.

Assim como as empresas, governos também precisam se equilibrar entre princípios e interesses econômicos. Num dos casos mais famosos de retaliação por motivos políticos, Pequim congelou durante seis anos suas relações com a Noruega, depois que o Nobel da Paz de 2010 foi concedido ao dissidente chinês Liu Xiaobo. Depois de mais de uma década atrás das grades, Liu morreu em 2017 aos 61 anos, de um câncer diagnosticado tarde demais.

Em junho do ano passado, Pequim foi tomada pela "Messiania", quando o craque argentino disputou um amistoso na cidade com a seleção de seu país. Agora, por causa do "incidente" em Hong Kong, a China cancelou dois amistosos que a albiceleste faria no país em março. Questão de honra nacional. Pior para os fãs chineses, que além de penar com o baixo nível do futebol local, ainda perdem a rara chance de ver de perto grandes astros do futebol mundial.

Milei sela as pazes com o Papa com alfajores e biscoitos de limão

Presidente da Argentina tem audiência de 70 minutos no Vaticano com Francisco, que no passado ele xingou de 'imbecil'

JANAINA FIGUEIREDO
 jornalista Agence France Presse em
 Buenos Aires

Se, durante a campanha eleitoral de 2023, o então candidato Javier Milei se referiu ao Papa Francisco como "representante do maligno na Terra", ontem o presidente da Argentina e o Pontífice tiveram sua primeira audiência no Vaticano: em clima de paz e amor, turbinado a alfajores e biscoitos de limão, entre outros presentes. Declarações passadas de Milei sobre o Papa, a quem também chamou de "imbecil" e "resulta que promove o comunismo", foram esquecidas numa audiência que durou 70 minutos, a mais longa já concedida por Francisco a um chefe de Estado argentino.

As imagens divulgadas pelo Vaticano e reproduzidas pela Casa Rosada e pelo presidente em suas redes sociais mostram um Milei sereno e um

Papa cordial. Houve troca de agradecimentos, presentes, e falou-se, inclusive, sobre a possibilidade de que Francisco visite a Argentina em 2024. Desde que foi escolhido como sucessor de Bento XVI, em março de 2013, o primeiro Papa argentino e latino-americano da História não voltou a pisar em seu país. Francisco esteve em Brasil, Chile e Paraguai, entre outros países da região, mas, por motivos principalmente políticos, não retornou à Argentina.

Muitos imaginaram que depois dos ataques de Milei durante a campanha, a eleição do líder da ultradireita argentina tornaria ainda mais difícil uma visita de Francisco ao país. Mas ontem, quando o assunto foi tocado, o Papa informou meios de comunicação argentinos, disse que uma eventual viagem à sua terra natal é uma "hipótese". — O encontro ocorreu de

maneira muito cordial, com muita simpatia e muita amizade entre ambos — declarou o secretário de Culto argentino, Francisco Sánchez. Na véspera, na cerimônia de canonização da primeira santa argentina (María Antonia de Paz y Figueroa, co-bisbeada com Mama Antulá), o Papa e Milei se encontraram rapidamente e trocaram algumas palavras. O presidente perguntou se podia abraçar Francisco, e o Pontífice fez uma brincadeira sobre o cabelo de Milei.

TROCA DE PRESENTES

Ontem, além de conversarem sobre a realidade econômica, social e política do país, Francisco e o presidente trocaram presentes. Milei levou alfajores da marca Cachafaz, biscoitos de limão da Havana e uma cópia da carta manuscrita escrita pelo chanceler José María Gutiérrez a Juan Bati-



Em bons termos. O Papa Francisco e o presidente da Argentina, Javier Milei, cumprimentam-se no Vaticano

tista Alberdi, designado-lo como representante da Argentina na Europa, em 1854, entre outros obsequios. O Papa, por sua vez, entregou ao chefe de Estado argentino uma medalha de bronze inspirada no baldaquino de São Pedro, uma coleção de seus escritos com encadernação em couro vermelho e detalhes dourados, incluindo encíclicas "Laudato si" e "Fratelli Tutti". Francisco também deu a Milei uma cópia da mensagem para o Dia Mundial da Paz, com foco na Inteligência Artificial.

Depois de uma conversa amena entre os dois, participaram do encontro a secretária geral da Presidência argen-

tina, Karina Milei, irmã do presidente; a chanceler Diana Mondino; o ministro do Interior, Guillermo Francos; a ministra do Capital Humano, Sandra Pettorello; o secretário de Culto, e o novo embaixador da Argentina em Israel, o rabino Ariel Wahrsh, amigo e consultor espiritual do chefe de Estado argentino.

VELHAS RIXAS (IGNORADAS)

Após o encontro, o Vaticano publicou uma nota oficial destacando a "satisfação" do Papa pelas "boas relações" entre a Santa Sé e a República Argentina, e o desejo de reforçá-la ainda mais. Consultado por jornalistas locais, Milei afirmou que o Papa "se mos-

trou satisfeito pelo programa econômico e de contenção social de seu governo. Nem uma menção a rixas do passado ou às tensões que o presidente enfrenta com a Confederação Episcopal Argentina pela crise social, aumento da pobreza e cortes de despesas que afetam programas de ajuda a refugidos populares, entre outros. Apesar das agressões verbais na campanha, antes do segundo turno Milei pediu desculpas públicas a Francisco e, depois, ambos se falaram por telefone, após a vitória do líder da ultradireita argentina. O encontro em Roma ontem parece ter selado o pap, pelo menos por enquanto.

Frio e perigo espreitam rota norte para os EUA

Número de migrantes que tentam entrar pelo Canadá aumentou 41% em 2023, mas inverno pode ser fatal

LUIS FERRÉ SADRURI
 do New York Times
 @luisferrésadruri

Enquanto os migrantes continuam a sobrecarregar a fronteira sul dos EUA, com o México, em números recordes, uma onda crescente está tentando uma rota alternativa através da fronteira canadense menos fortificada e mais extensa. Em vez de lidar com uma jornada árdua através do Darién no Panamá e um encontro quase certo com a Patrulha da Fronteira, migrantes de lugares tão distantes quanto México, Índia e Venezuela, que têm os meios, têm voado para o Canadá — aproveitando os cruzamentos de fronteira sem imposição de muros ou cercas.

No entanto, as condições perigosas levaram a resgates repetidos de migrantes que li-

cam presos em bosques escuros ou têm de ser tratados por hipotermia. Pelo menos uma dúzia de migrantes — famílias, crianças, uma mãe grávida — morreram tentando atravessar nos últimos dois anos, seus corpos congelados foram recuperados de rios e florestas.

2 MILHÕES PELO MÉXICO

Autoridades na fronteira norte registraram 191.603 encontros com pessoas cruzando para os EUA em 2023, um aumento de 41% em relação a 2022 — embora ainda seja um número pequeno em comparação com mais de 2 milhões de pessoas detidas na fronteira sul no ano passado.

E enquanto a grande maioria desses migrantes se apresentava em postos oficiais de entrada para solicitar asilo, um número crescente foi detido

após cruzar ilegalmente para os Estados Unidos, às vezes guiados por contrabandistas. Mais de 12.200 pessoas foram detidas cruzando ilegalmente do Canadá no ano passado, um salto de 241% em relação às 3.578 presas no ano anterior. A maioria delas eram mexicanas, que podem voar para o Canadá sem visto e podem preferir a fronteira norte para evitar os cartéis que exploram migrantes em seu país.

O fenômeno transformou uma área de fronteira de mais de 470 quilômetros ao longo do norte de Nova York, Vermont e New Hampshire em um ponto quente de migração, cerca de 70% das travessias ilegais em 2023 aconteceram neste trecho, conhecido como Setor de Swanton.

As travessias ilegais são às vezes facilitadas por novas

operações de contrabando de pessoas, muitas vezes baseadas fora de Nova York, que anunciam seus serviços nas redes sociais e cobram dos migrantes milhares de dólares para tratá-los para o país a partir do Canadá, muitas vezes detendo-os em vilarejos com os contrabandistas. Procuradores federais em Syracuse, Nova York, moveram uma série de casos com o objetivo de derrubar empresas de contrabando, detalhando em documentos judiciais como contrabandistas — tanto americanos quanto estrangeiros — ajudam a guiar os migrantes através dos bosques e coordenam motoristas com placas de fora do estado para buscá-los assim que passam.

Partes da fronteira entre os EUA e o Canadá — que, com quase 9 mil quilômetros, é a



Sem patrulhas. Marco de pedra guarda fronteira EUA-Canadá em Champlain

fronteira internacional mais longa do mundo — são separadas por barreiras naturais, como os Grandes Lagos. Mas grande parte da fronteira, sobretudo em Nova York, é plana e deserta, pontilhada só por bosques ou campos abertos onde simples marcos de pedra delineiam a fronteira.

FRIO ABAIXO DE ZERO

Muitos migrantes que cruzam ilegalmente para os EUA, disseram autoridades, estão cruzando bosques atravessáveis

que ainda podem ser perigosos. As temperaturas regularmente caem abaixo de zero em noites frias de inverno, tornando-se perigosamente frias para aqueles sem roupas adequadas. E os bosques podem estar pontilhados de corréios, lagoas e pântanos que congelam rapidamente. Autoridades da Patrulha da Fronteira disseram que conduziram 15 missões, nas quais 37 pessoas foram resgatadas, ao longo da fronteira norte desde outubro de 2022.